

Fausto Viana e Felisberto Sabino da Costa (orgs.)

40 ANOS DO PPGAC ECA USP

Edição comemorativa

ISBN 978-65-88640-51-7

DOI: 10.11606/9786588640517

São Paulo
ECA -USP
2021

Organização: Fausto Viana e Felisberto Sabino da Costa
Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges
Revisão de texto: Márcia Moura
Capa: Maria Eduarda Borges

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Q1 40 anos do PPGAC ECA USP [recurso eletrônico] : edição comemorativa /
organização Fausto Viana, Felisberto Sabino da Costa. -- São Paulo : ECA-USP,
2021.
PDF (429 p.) : il. color.

ISBN 978-65-88640-51-7
DOI 10.11606/9786588640517

1. Teatro – Estudo e ensino. 2. Teatro – Pesquisa. 3. Programa de Pós-Graduação em
Artes Cênicas (ECA/USP). I. Viana, Fausto. II. Costa, Felisberto Sabino da.

CDD 23. ed. – 792.07

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no livro *40 anos de PPGAC ECA USP, edição comemorativa*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com os organizadores que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes
Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli
Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro
Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária CEP-05508-020



***EM TORNO DE UMA
RELAÇÃO DELICADA:
ENTREVISTA COM
MARIA LÚCIA PUPO***

Verônica Veloso

Da mesma forma que aquele que remete um presente ou uma carta, o professor sempre está um pouco preocupado para saber se seu presente será aceito, se sua carta será bem recebida e merecerá alguma resposta. Uma vez que só se presenteia o que se ama, o professor gostaria que seu amor fosse também amado por aqueles aos quais ele o remete. E uma vez que uma carta é como uma parte de nós mesmos que remetemos aos que amamos, esperando resposta, o professor gostaria que essa parte de si mesmo, que dá a ler, também despertasse o amor dos que a receberão e suscitasse suas respostas. [...] O professor, o que dá a lição, é também o que se entrega na lição. Primeiro, entrega-se em sua eleição; depois, em sua remessa; em continuação, em sua leitura.

Jorge Larrosa



Maria Lúcia Pupo

Quando surgiu a ideia de entrevistar a professora e pesquisadora Maria Lúcia Pupo¹, lamentei que estivéssemos em meio a uma pandemia e não pudéssemos nos

¹ Maria Lúcia de Souza Barros Pupo é docente titular da Escola de Comunicações e Artes da USP onde atua na Licenciatura em Artes Cênicas e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, na linha de pesquisa Pedagogia do Teatro. Sua experiência no campo se estende a diferentes contextos no Brasil e também França, Marrocos, México e Bélgica. Seu mais recente livro é Para alimentar o desejo de teatro, editado pela HUCITEC em 2015. Tem se voltado nos últimos anos especialmente para o tema da mediação artística de obras no campo da cena. Os estudos de manifestações cênicas contemporâneas e de políticas públicas em arte compõem também sua esfera de interesses. É bolsista de Produtividade 1C do CNPq. E-mail: malupu2013@gmail.com

encontrar para que esta entrevista se desse presencialmente, em torno de uma mesa, partilhando um belo prato e uma taça de vinho. O diálogo que agora se torna público resulta de uma troca de e-mails, como tantas outras que tivemos ao longo dos anos desde que ingressei na Universidade de São Paulo em 1998. É certo que com o passar do tempo, nossos laços se estreitaram. Dos caminhos trilhados juntas, surgem memórias significativas. Aulas de Jogos Teatrais, uma em especial, na qual uma pena verde me levou a incorporar uma aeromoça esvoaçante, no pátio do CAC. Um primeiro almoço no qual comi um sanduíche de berinjela e conversamos sobre meu desejo de realizar um intercâmbio na França. As reuniões em sua casa para receber retornos sobre meus textos de pesquisa, sempre regadas a água de coco. Encontros não planejados nas plateias dos teatros, seguidos de conversas com olhos brilhando. As suas aulas, nas quais eu observava elaboração prévia, estudo, entrega ao assunto discutido, sua escuta e silêncio, um tempo verdadeiramente dedicado aos outros. Caminhadas risonhas e animadas pelas ruas de Avignon. Visitas à minha casa no nascimento de minhas filhas. Uma festa que invade sua casa porque ela está impossibilitada de se deslocar até nós.

Não pretendia forjar nenhum tipo de sentimentalismo para introduzir esta entrevista, mas também não me contentaria em dizer que Malu foi a maior referência ao longo de minha formação acadêmica, minha orientadora de mestrado e doutorado e minha grande parceira atualmente no Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP. Escrevendo desse modo, evidencio a formação que extravasa o acadêmico, que se revela como formação humana, relacionada aos princípios, ao cumprimento dos deveres, à ética nas ações mais cotidianas.

Não seria demais afirmar que o meu prazer em entrevistá-la é carregado de uma herança simbólica e sem testamentos, como diria o professor José Sérgio Fonseca de Carvalho. Fui tomada por uma imensa responsabilidade ao tornar pública esta entrevista, como se abrisse aos leitores, que porventura se interessarem em nos ler, uma de minhas consultas a essa professora-farol. Nela, busco deixar registrados os princípios que norteiam suas orientações, tão conhecidas por permitirem que cada pesquisador, por mais inexperiente que seja, alce seus próprios voos. Essa coragem de deixar o outro ser ou tornar-se aquilo que deseja vem acompanhada de

um real interesse pelo olhar do outro, uma tranquilidade em deixar que cada um escolha suas referências e uma leitura precisa e cuidadosa de cada texto partilhado.

Nas páginas que se seguem, vocês poderão conhecer um pouco da história da linha de pesquisa em Pedagogia do Teatro e as muitas vertentes que a compõem. Poderão identificar fatores ou combinações que levam uma orientadora a interessar-se por determinado projeto, nesse encontro intenso e delicado entre orientadora e orientanda. E, por fim, poderão vislumbrar processos de aprendizagem que não cessam de ser delineados mesmo depois de tantos anos de experiência, uma “fonte contínua de descobertas inspiradoras”. O encontro que se dá em torno de cada pesquisa envolve incertezas, angústias, flexibilidade, abertura ao diálogo e negociação, como se de cada uma dessas combinações entre orientação e pesquisa emergisse uma alquimia própria.

Não sou a única, nem a última professora a se orgulhar de contar com a presença de Maria Lúcia Pupo em sua trajetória. Escrevo em primeira pessoa ciente de que falo em nome de muitos e muitas que tiveram a graça de ouvi-la, de partilhar dos banquetes de suas aulas e de receber suas cartas, na forma de textos, de aprendizados, de bagagens e de condutas que talvez ela nem imagine que captamos do seu modo de agir no mundo.

Verônica Veloso: Em 2021, o PPGAC completa 40 anos. Como você contaria a história da linha de pesquisa em Pedagogia do Teatro – que em breve se tornará Pedagogia das Artes Cênicas – desde o momento de sua criação? Seria interessante falar sobre os princípios que regeram essa linha de pesquisa e os professores que traçaram esse percurso ao seu lado.

Maria Lúcia Pupo: Ao longo desses 40 anos do PPGAC sempre fomos poucos: os professores Ingrid Koudela, Flávio Desgranges e eu. E a demanda de orientação sempre foi muitíssimo superior às nossas possibilidades de assumir as pesquisas postuladas, daí a intensa competição instaurada a cada processo seletivo. Uma agravante se acrescenta a esse quadro. Durante os últimos anos, a relação entre a licenciatura oferecida no Departamento de Artes Cênicas e a pós-graduação em Pedagogia do Teatro recaiu exclusivamente em minhas mãos, e apenas nelas. Isso

porque a Profa. Ingrid, desde o final dos anos 1990, assim como o Prof. Flávio, mais recentemente em razão de sua mudança para a UDESC [Universidade do Estado de Santa Catarina], passaram a se dedicar apenas ao curso de pós-graduação, perdendo o contato com os estudantes da licenciatura. Ingrid e eu temos um histórico de ex-alunas da ECA e Flávio vinha de um mestrado e doutorado em Educação. Sempre considerei de primordial importância a criação de fluxos entre a graduação e a pós-graduação, como, por exemplo, o Projeto de Aperfeiçoamento do Ensino, PAE. Nos últimos anos, em que temos enfatizado a formação em pesquisa desde a graduação, esses fluxos se tornaram ainda mais valorizados e vêm sendo capitais na trajetória dos estudantes. Nossa linha de pesquisa se expandiu – como não poderia deixar de ser – a partir da diversidade de nossas investigações; estas, por sua vez, têm influenciado mais ou menos diretamente a formação dos futuros docentes. A relação entre as Artes da Cena e as Ciências da Educação, fundamento da linha de pesquisa, vem dando lugar a capilaridades e bifurcações: a influência das artes relacionais, ou seja, da dimensão do encontro e da troca entre os participantes; a formulação de relações outras com a figura do espectador; os vínculos entre arte e ativismo em contínuo dinamismo; e o relevo atribuído aos estudos antropológicos são apenas alguns dos fatores que vêm abrindo férteis vertentes originais em nossa linha de pesquisa, sobretudo na área da educação não formal. Decorre dessa expansão nossa perspectiva de que a linha de pesquisa, de modo coerente com o seu alargamento, seja transformada o mais breve possível em Pedagogia das Artes Cênicas.

Ao longo de sua trajetória, você orientou mestrados e doutorados sobre temas bastante diversos, que perpassam os diferentes contextos nos quais se reconhecem processos de ensino e aprendizagem relacionados às artes cênicas. Quando observamos o conjunto das pesquisas orientadas por você, quais seriam os traços comuns que as conectam? Ou os blocos temáticos nos quais elas poderiam ser agrupadas?

Inicialmente marcados pelas práticas teatrais, sobretudo em ambientes escolares, pouco a pouco os estudos se expandiram para a exploração de vínculos entre modalidades cênicas de caráter lúdico e textos de diferente natureza – com especial

destaque às peças didáticas de Brecht e a textos narrativos. Expandiram-se também para o exame de tessituras entre encenação e pedagogia, em direção à ação cultural nos mais variados contextos, e ao desenvolvimento da leitura da cena. Destacam-se entre os assuntos tratados a formação de docentes, tema de interesse primordial, assim como o teatro dirigido à infância – ou incluindo essa categoria. A relação entre teatro e cinema, teatro e música, teatro e processos de escrita à luz de preocupações pedagógicas é outra vertente emergente. Dois outros temas cabem ser salientados pela originalidade à época em que foram abordados pela primeira vez: práticas teatrais em prisões e o teatro documentário como fonte de aprendizagem. Nos primeiros tempos, crianças e jovens eram as faixas privilegiadas; hoje, adultos fazem parte de boa parcela das investigações. Políticas públicas de caráter artístico, assim como experiências no âmbito da performance vêm sendo objeto de investigações inovadoras e por vezes instigantes. Por outro lado, iniciativas de grupos, associações e coletivos da América Latina vêm ganhando crescente interesse por parte dos nossos estudantes.

Sabemos que a análise de um projeto em seu estado inicial – seja ele de mestrado ou doutorado – envolve muitas camadas, desde a qualidade da escrita até a precisão do recorte a ser investigado, passando pela adequação da escolha dos autores com os quais o “jovem” pesquisador pretende dialogar. Há ainda camadas mais subjetivas que conduzem a leitura e análise de um projeto. No entanto, seria possível elencar algumas características que a levam a se interessar por orientar determinada pesquisa em detrimento de outra?

Uma série de fatores está contida nessa decisão. À medida que as condições de trabalho em nossa área se tornam mais e mais precárias, ganha contorno um fenômeno curioso que poderíamos chamar de “naturalização” da continuidade dos estudos. Em outras palavras, a tentativa de inserção no mestrado e doutorado por vezes é vista como caminho “natural” de estudantes recém-formados que não vislumbram de imediato perspectivas de inserção profissional, aliás, cada vez mais competitivas. Ocorre que essa continuidade dificulta que o estudante se distancie dos muros protegidos da universidade e mergulhe na vida “lá fora”, de modo a se

deter em perguntas formuladas a partir da familiaridade com diferentes contextos. Esse dado me leva a ter também como critério – além daqueles evidentes, como relevância, pertinência e qualidade da argumentação – a implicação do futuro pesquisador em relação ao tema, seu grau de mobilização, os vetores que levaram ao equacionamento da pergunta central. Haverá quem diga que esses parâmetros são de avaliação imprecisa. Anos de experiência, no entanto, têm comprovado que eles são essenciais na construção do conhecimento em arte. Os vínculos entre o projeto e meus campos de pesquisa constituem certamente um critério de relevo, porém considero desafiante apostar em temas que, embora pouco familiares na minha trajetória, sejam propostos de modo justificado e coerente e venham a ser oportunidade de um aprendizado recíproco. Essa abertura sempre me pareceu primordial, pois os projetos resultam, antes de mais nada, de motivações dos estudantes paulatinamente buriladas pela ótica da experiência docente.

Diante das inúmeras dissertações e teses que você orientou ao longo desses anos, como percebe o exercício da orientação? Trata-se de uma via de mão dupla, dependendo do encontro entre quem orienta e quem é orientado, ou é o orientador quem estabelece a dinâmica do trabalho? Ainda nesse sentido, o que você não faria como orientadora e que fazia quando iniciou suas atividades na pós-graduação? Seu modo de orientar se transformou com o tempo?

Essa pergunta incide sobre uma constatação minha já antiga. A complexa relação entre orientador e estudante não vem sendo, até onde eu saiba, objeto das reflexões que pode vir a comportar. Durante os anos de mestrado ou doutorado, uma convivência sistemática entre ambos vai balizar as incertezas, dificuldades e alegrias do trabalho intelectual, em meio a um pano de fundo de altas expectativas mútuas. Assumir a autoria de uma dissertação ou tese resulta de intrincada alquimia entre a exploração de um espaço de invenção, aprendizado do rigor e estabelecimento de confiança de parte a parte. Pouco se discute, por exemplo, sobre como os orientadores lidam com as expectativas em torno dos trabalhos em processo. Quando elas são parcialmente frustradas, passa a ser tão delicado quanto desejável avaliar o seu próprio grau de responsabilidade diante do fato, superando o ímpeto

inicial de atribuir exclusivamente ao estudante as razões de sua insatisfação. Trata-se de via de mão dupla, como você aponta. Ao examinar minhas atitudes como orientadora, observo que poucas são as constantes e múltiplas as variações ao longo dessas décadas. Entre as constantes cito os acordos básicos, como formulação de calendários ao longo do processo, ajustes sobre formas de comunicação etc. Todo o resto varia em função das personalidades em contato, da natureza do tema, da experiência com ele de ambas as partes e assim por diante. Há situações em que o diálogo se dá predominantemente a partir de textos escritos pelos pós-graduandos, e outras em que trocas minuciosas antecedem a escrita. A periodicidade dos encontros é outro fator variável; determinados alunos solicitam modalidades de retorno com mais frequência, enquanto outros se sentem mais à vontade com a definição de períodos mais amplos de trabalho pessoal. Cabe lembrar que o enfrentamento da escrita pode ser, por si só, uma questão intrincada. Anos de experiências escolares desinteressantes ou normativas não são vividos impunemente pelos estudantes brasileiros, mesmo após o término da graduação. É comum que a angústia da página em branco se faça presente, carecendo de atenção específica para ser dissolvida, ao menos em alguma medida. Problemas de ordem pessoal não raro vazam para a esfera da pesquisa, demandando escuta atenta, abertura ao diálogo, negociação de prazos e por aí fora. Fronteiras entre as esferas privada e acadêmica em nosso meio tendem a uma crescente porosidade, e não raro aparecem situações em que toda a sensibilidade do professor é convocada para abordá-las. Há um aspecto da pesquisa que muito se transformou nesses trinta anos de vida do nosso programa de pós. Falo da progressiva facilidade com a qual hoje se obtêm informações, em comparação com o laborioso trabalho exigido dos alunos no passado. Hoje eles já sabem efetuar levantamento de dados ao entrar no curso, o que torna a familiarização com a biblioteca e diferentes arquivos, por exemplo, muito mais fluida do que em décadas anteriores.

Não há receita para “bem orientar”, evidentemente, mas há dois requisitos provavelmente incontornáveis: apreciar a função e dispor de grande flexibilidade para realizá-la. A cada novo orientando uma nova relação vai sendo tecida, com seus acordos progressivamente estabelecidos. Não há rotina, não há procedimentos modelares. Há o prazer de contribuir para o crescimento do outro e do próprio

conhecimento, o compartilhamento do percurso e, não raro, a cumplicidade com o estudante. Tenho grande prazer no exercício dessa faceta da atuação universitária, fonte contínua de descobertas inspiradoras. Não por acaso aprecio que certas relações de orientação vividas no PPGAC tenham evoluído posteriormente para sólidas amizades.

Como você observa os caminhos percorridos por seus orientandos depois de concluídas as pesquisas? Qual o impacto que a continuidade dos estudos na pós-graduação tem em suas trajetórias?

Como se sabe, parcela significativa dos egressos de nossos cursos ingressam como docentes no ensino superior público e, às vezes, também privado. Outros, em menor número, passam a atuar de modo pontual na formulação de políticas públicas vinculadas à cultura e às artes, cada vez mais escassas. O que chama a atenção no tocante aos impactos do PPGAC é o quanto experiências acumuladas de debate, de decisões tomadas de modo colegiado, de abertura para outras áreas do conhecimento e do exercício do pensamento crítico são reconhecidas como significativas pelos ex-alunos. Aliás, o fenômeno da valorização a posteriori dos méritos dessa escolaridade pode ser observado inclusive entre os egressos da graduação. Essa pequena enumeração de grandes conquistas, em última análise, traz à tona aquilo que de melhor podemos engendrar juntos na universidade brasileira hoje.



Verônica Veloso: Verônica Gonçalves Veloso é professora e pesquisadora na Licenciatura em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP e, recentemente, na linha de pesquisa Pedagogia do Teatro no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Doutora em Artes pela ECA-USP, realizou parte de sua pesquisa na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, analisando ações teatrais e performativas fundadas no caminhar. Mestre em Artes pela mesma universidade. Integra o Coletivo Teatro Dodecafônico desde sua fundação em 2008, tendo dirigido algumas encenações e feito pesquisa sobre intervenção urbana. Acadêmica e artisticamente, tem desenvolvido reflexões sobre a arte contemporânea, seu potencial pedagógico e os desafios recentes apresentados ao espectador de ações performativas e relacionais. E-mail: veronicaveloso@usp.br